

(RE)PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A PARTIR DAS NECESSÁRIAS TENSÕES CULTURAIS CONTEMPORÂNEAS: O JOGO XADREZ ANTIRRACISTA E DECOLONIALISTA

(RE)THINKING SCHOOL PHYSICAL EDUCATION IN LIGHT OF CONTEMPORARY CULTURAL TENSIONS: ANTIRACIST AND DECOLONIAL THE GAME OF CHESS

(RE)PENSANDO LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR DESDE LAS NECESARIAS TENSIONES CULTURALES CONTEMPORÁNEAS: EL JUEGO DE AJEDREZ ANTIRRACISTA Y DECOLONIAL

Mateus Cardoso Clemente

E-mail: mateus9701@outlook.com

Universidade Nacional de Rosário (Argentina)

Orcid: [0009-0005-0509-221X](https://orcid.org/0009-0005-0509-221X)

Galdino Rodrigues de Sousa

E-mail: galdinorodrigues@yahoo.com.br

Universidade Federal de Juiz de Fora

Orcid: [0000-0002-1097-738X](https://orcid.org/0000-0002-1097-738X)

RESUMO

Diante da pequena produção crítica/social sobre o xadrez na Educação Física, este artigo tem como objetivo explorá-lo pedagogicamente em uma ótica antirracista e decolonialista. No que diz respeito aos aspectos metodológicos, esta pesquisa se desenvolveu a partir de um mestrado profissional em educação, com abordagem qualitativa e procedimentos de pesquisa caracterizados como de natureza aplicada. Quanto às técnicas de coleta de dados, utilizamos observações e anotações em diário de bordo. Para o tratamento dos dados, adotamos a análise de conteúdo, preconizada por Bardin (2006). Quanto aos principais resultados encontrados, consideramos os seguintes: o desenvolvimento de um produto educacional, denominado “xadrez antirracista e decolonialista”, que se somou a uma proposta de desenvolvimento profissional ofertada a professores da educação pública dos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como a intervenções, nessa perspectiva, com estudantes de Educação Física da Educação Básica.

PALAVRAS-CHAVE: Xadrez. Educação Física. Antirracismo. Decolonialismo.

ABSTRACT

Given the small critical/social production on chess in Physical Education, this article aims to explore it pedagogically from an anti-racist and decolonialist perspective. As for the methodological aspects, this research was carried out within the context of a professional education master's program, employing a qualitative approach and research procedures characterized as applied in nature. In terms of data collection techniques, observations and field notes were used. For data analysis, we adopted content analysis as advocated by Bardin (2006). As for the main results, the following were considered: the

development of an educational product named "antiracist and decolonial chess," which was incorporated into a professional training offered to public education teachers in the early years of elementary school, as well as interventions from this perspective with Physical Education students in Basic Education.

KEYWORDS: *Chess. Physical Education. Antiracism. Decolonialism.*

RESUMEN

Dada la escasa producción crítica/social sobre el ajedrez en Educación Física, este artículo pretende explorarlo pedagógicamente desde una perspectiva antirracista y decolonialista. En lo que respecta a los aspectos metodológicos, esta investigación se desarrolló en el marco de un máster profesional en educación, con un enfoque cualitativo y procedimientos de investigación caracterizados como de naturaleza aplicada. En cuanto a las técnicas de recopilación de datos, se utilizaron observaciones y notas en un diario de campo. Para el tratamiento de los datos, se adoptó el análisis de contenido, tal como lo preconizó Bardin (2006). En cuanto a los principales resultados, consideramos los siguientes: el desarrollo de un producto educativo denominado "ajedrez antirracista y decolonial", que se sumó a una formación profesional ofrecida a docentes de la educación pública de los primeros años de la enseñanza primaria, así como a intervenciones desde esta perspectiva con estudiantes de Educación Física de la Educación Básica.

PALABRAS CLAVE: *Ajedrez. Educación Física. Antirracismo. Decolonialismo.*

INTRODUÇÃO

Considerando a Educação Física como uma prática pedagógica, uma área de ensino e pesquisa que tem como objeto de estudo a cultura corporal e seus desafios sociais contemporâneos (Daolio, 2010; Neira; Nunes, 2020), entendemos ser coerente e necessária a articulação entre a formação de seus professores e a diversidade/diferença étnico-cultural. De acordo com Gomes e Silva (2018), as tentativas de desenvolvimento desse tema, na Educação, começam a aparecer com mais destaque a partir dos anos de 1990 e, na Educação Física, algumas décadas depois. Atualmente, por mais que a abordagem ao tema ainda seja contida, percebemos um crescente aumento de pesquisas, tanto na Educação¹ como na Educação Física, sendo que algumas delas fomentam o que tem se convencionalizado chamar de abordagem antirracista.

Em grande extensão da história, a raça tem sido uma questão da cultura negra: o racismo, um peso para a pessoa negra (Dyson, 2018). O “chamado” antirracista na Educação e na Educação Física, ao qual nos juntamos neste artigo, versa sobre a consciência e, mais importante, a conscientização acerca do fato de que supervalorizamos algumas identidades e suas culturas enquanto negligenciamos outras, como afirma Hall (2014). Para Sanches Neto e Venâncio (2020), toda aula de Educação Física escolar deve ser antirracista, em todos os conteúdos e temáticas a serem ensinadas na Educação Básica. Nessa relação de poder, homens

brancos heterossexuais e europeus contaram a sua história, colocaram-se ao centro, “esmagando” a história dos “outros”, colocando-as às margens. Nações que se forjaram pelo genocídio dos povos indígenas e dos negros fundaram-se sobre o princípio de que “somos todos iguais”, visando mascarar a importância do debate da diferença via relações de poder.

Nesta linha, outro tema que tem ganhado destaque diz respeito ao colonialismo, mais especificamente a dominação de um país sobre o outro, que faz com que alguns saberes sejam negligenciados, normalmente aqueles pertencentes a grupos subjugados e/ou advindos de países colonizados. O colonialismo, de acordo com Cavalcante (2016), consiste em uma dinâmica na qual um território exerce domínio político, cultural e/ou religioso sobre um determinado povo. Com isso, emerge o conceito de colonialidade, que, para Walsh, De Oliveira e Candau (2018), dá-se quando o colonialismo também ocorre através da força política, epistemológica e pedagógica. O pensamento decolonialista, de outro giro, faz referência às possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados e propõe um projeto na educação que valorize as diferenças, em contraposição às tendências acadêmicas dominantes de perspectiva da eurocentricidade.

Em uma dissertação de mestrado (Clemente, 2022), pesquisamos e constatamos que a *Chaturanga*, que deu origem ao xadrez, teve sua origem na Índia e foi levada posteriormente à Europa.² Quanto a sua chegada ao Brasil, percebemos que foram os portugueses, nossos colonizadores, que trouxeram esse jogo, estando ele presente até mesmo nos pequenos espaços de lazer das naus portuguesas que aqui adentraram para transportar riquezas/mercadorias roubadas para e por Portugal.³ Portanto, de acordo com essa problematização, o xadrez, como conhecemos, possui suas raízes fundadas no colonialismo, o que em nada diminui sua importância, mas amplia suas potencialidades pedagógicas na Educação Física escolar, bem como destaca a necessidade de leituras críticas que considerem a diferença (Neira; Nunes, 2020, Clemente, 2022). Diante dessa contextualização, elegemos para este artigo o seguinte problema de pesquisa: como contribuir pedagogicamente para que o jogo de xadrez seja desenvolvido em uma ótica crítica/cultural, decolonialista e antirracista?

ASPECTOS E PERCURSOS METODOLÓGICOS

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, este artigo se desenvolve a partir de uma abordagem qualitativa na qual, segundo Vieira (2009), os dados permitem compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas em uma ótica mais subjetiva. Considerando que a proposta aqui relatada se deu ao longo de um mestrado profissional em

Educação, cabe destacar que ela teve impulso a partir de uma percepção dos autores, orientador e orientando, acerca da importância da problematização crítica e cultural do xadrez, especialmente com ênfase em uma ótica decolonialista e antirracista.

Para chegarmos a essa conclusão, realizamos uma pesquisa bibliográfica nas principais revistas brasileiras da área de acordo com o *Qualis* Capes periódicos. Como resultado, não encontramos artigos que versassem sobre a relação entre o xadrez e a discussão cultural/crítica em uma ótica decolonialista e antirracista. Nessa esteira, utilizamos os descritores “Educação Física e xadrez”; “Teoria Crítica e xadrez”, “Crítica Social e xadrez”, “decolonialismo e xadrez”, “Racismo e xadrez” e “Antirracismo e xadrez”. Além disso, fizemos leituras minuciosas dos títulos, dos resumos e, quando necessário, do todo dos artigos.⁴

Em um segundo momento, adotamos procedimentos da pesquisa-ação a partir do qual visamos desenvolver conhecimento no, para e com o campo de pesquisa junto a sujeitos envolvidos no processo, sendo eles professores da Educação Básica e estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Trata-se de uma pesquisa que se desenvolveu, portanto, a partir de um caminhar participativo/colaborativo, buscou contribuições na realidade docente e na intervenção na docência em Educação Física e, nessa linha, propôs processos formativos (Mendes, 2008).

Nesta parte inicial aplicada do projeto, deram-se algumas iniciativas: 1) organização de uma formação de desenvolvimento profissional voltada para professores de escolas públicas dos anos finais do Ensino Fundamental do município de Três Corações-MG; 2) diálogo com os gestores das escolas sobre a proposta; 3) convite aos professores de Educação Física da rede municipal para participação voluntária; 4) aceite de seis professores de Educação Física da rede para a participação no projeto; 5) encontros que se deram de forma digital e síncrona devido à pandemia de COVID-19, com vídeos disponibilizados na plataforma *YouTube* para acessos assíncronos dos participantes e dos demais interessados.⁵

Este momento pragmático foi fundamental para o desenvolvimento de outro, que será apresentado e densamente problematizado pelos autores nos tópicos seguintes: 1) produção de um produto educacional denominado “xadrez antirracista e decolonialista” e de uma cartilha que o apresenta pedagogicamente aos docentes e discentes; e 2) intervenções, sob o mesmo viés, com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental acompanhados por uma das professoras de escola pública que participou do desenvolvimento profissional de outros educadores.

A proposta de desenvolvimento profissional de professores, parte fundante da nossa dissertação e do nosso produto educacional no mestrado – questão que não será minuciosamente explorada no artigo, como já destacado – deu-se pela plataforma *Google Meet*, contando com a participação de seis professores de Educação Física dos anos finais do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais da cidade de Três Corações-MG, mais especificamente com estudantes do 9º ano. Foram quatro encontros com duração de duas horas cada, devido a agenda dos professores.

O “jogo de xadrez decolonialista e antirracista”, bem como o material didático pedagógico cartilha educacional, desenvolvidos a partir dos encontros citados acima, deram-se pelo trabalho coletivo junto aos professores de Educação Física da Educação Básica e participantes do desenvolvimento profissional, ocasionando em: 1) alteração dos nomes e das peças pretas por pessoas e artefatos culturais importantes da cultura afro-brasileira; 2) alteração dos nomes e das peças brancas por pessoas e artefatos culturais importantes para a cultura indígena brasileira; 3) utilização de porcelana fria ou *biscuit* para produzir uma amostra desse jogo; 4) utilização de materiais simples, presentes comumente nas escolas (cartolina, figuras impressas ou desenhadas, cola e tesoura), e de materiais reutilizáveis, incentivando os estudantes e os professores das escolas públicas a criarem seus próprios tabuleiros e peças; 5) intervenção junto à turma de umas das professoras participantes do projeto formativo.

Por entendermos que a Educação Física é uma área eminentemente prática e que seria contraditória a ênfase única na discussão teórica antirracista e decolonialista sem, contudo, desenvolvê-las na prática pedagógica, acompanhamos e contribuímos com o desenvolvimento das aulas de xadrez antirracistas e decolonialistas de um dos professores da Educação Básica que participou do desenvolvimento profissional de educadores. Foi uma continuidade da parte aplicada do projeto em que os outros professores que participaram da proposta de desenvolvimento profissional também se fizeram presentes. As intervenções aconteceram com estudantes do 9º ano pertencentes à rede municipal de Três Corações, durante duas semanas, em quatro aulas de cinquenta minutos.

Fazendo referência às técnicas de coleta e análise dos dados, utilizamos observações e anotações em diário de bordo, bem como filmagens realizadas por meio da plataforma *Google Meet*. Em relação aos cuidados éticos, é importante destacar que o presente trabalho foi levado ao Comitê de Ética da Plataforma Brasil, submetido à apreciação e aprovado. Em relação aos educadores de Educação Física participantes do desenvolvimento profissional de professores, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O professor, em

especial, que levou o projeto à sua respectiva escola, devolveu-nos uma cópia do TCLE assinada pelo diretor escolar.

O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES

Sabemos que a formação de professores deve possibilitar a reflexão e a tomada de consciência das limitações e das potencialidades sociais e culturais da profissão docente e, inclusive, dos conteúdos que a compõem na relação com o contemporâneo (Gomes; Silva, 2018). Além disso, ela deve valorizar aspectos contextuais, organizativos, históricos, pedagógicos, bem como, no caso da Educação Física, não deve negligenciar a aquisição de saberes de ordem mais instrumental ou técnica, como no que diz respeito ao saber jogar.

Inspirados nisso, construímos um processo de desenvolvimento profissional de professores de Educação Física dos anos finais de Escolas Públicas, já apresentado na metodologia, visando valorizar as diferenças e superar uma visão estática, conteudista, limitada aos domínios psicológicos/*cognitivistas*, ainda presentes nas propostas pedagógicas, com o jogo de xadrez (Clemente, 2022). Devido a questões que já foram destacadas, iremos nos atentar apenas à apresentação dessa etapa da pesquisa, não fazendo uma densa problematização das contribuições e/ou das falas dos professores da Educação Básica ou do professor-mediador.

1º encontro (08/12/2021):

Iniciamos o primeiro encontro dando boas-vindas aos professores e fazendo uma breve fala sobre a proposta. Nosso intuito, nesse primeiro e rápido contato, foi o de abrirmos espaço para suas apresentações individuais, em que constasse suas respectivas formações, percepções de Educação Física, tempo e local de trabalho e demais informações que achassem relevantes. Após essa apresentação, conversamos sobre os seus saberes no que diz respeito ao jogo de xadrez, bem como suas percepções pedagógicas. Realizado esse diagnóstico/troca inicial, percebemos que os professores compreendiam as práticas pedagógicas de xadrez em uma perspectiva mais tradicional, com possíveis ganhos cognitivos para os alunos, resultado que já era esperado de acordo com o que apontou a literatura (Clemente, 2022).

Tomamos esses saberes como ponto de partida para os próximos encontros, pensando em possibilidades pedagógicas voltadas para os movimentos das peças, as capturas, o valor de cada peça no jogo e a história dos jogos enxadrísticos. Dialogamos ainda sobre algumas possibilidades de aprendizado do jogo de xadrez, inclusive por meio digital, sendo citado pelos professores o aplicativo denominado *Chess*, disponível *on-line* e em aplicativos para os

sistemas *Android* e *iOS*. Um desses professores, inclusive, relatou como fez uso dessa tecnologia para que seus alunos sentissem mais interesse nas aulas voltadas para esse jogo de tabuleiro.

Quanto à história do xadrez, destacamos que, conforme Tahan (2006), o provável criador do jogo foi um homem chamado Lahur Sissa, que era conselheiro de um rei da Índia, rei Kaíde da província de Taligana no século VI. Segundo o escritor, a ambição dos comandantes de reinos vizinhos fez com que Taligana fosse invadida, e, como consequência da luta entre os reinos, houve muitos mortos, dentre os quais estava o filho de Kaíde. Com a morte de seu filho, a vida perdeu o sentido para o monarca e ele acabou por descuidar de si mesmo e de seu reino. Carvalho (2019) diz que, a pedido do rei, Sissa criou um jogo revelador de valores, qualidades e conhecimento para que o soberano jogasse e se sentisse melhor diante dos fatos ocorridos.

Sissa apresentou um tabuleiro de xadrez parecido com o usado atualmente, sendo que as peças faziam referência aos quatro elementos do exército indiano da época, os quais eram representados por navios, cavalos, elefantes e soldados liderados por um rei e seu vizir. Sissa escolheu a guerra porque ela era a melhor situação para se aprender o valor de uma decisão tomada por uma liderança, segundo ele. A esse jogo foi dado o nome *Chaturanga*, que significa “exército formado por quatro membros”, afinal, para se realizar uma partida desse jogo, eram necessários quatro jogadores, os quais iniciavam a partida com oito peças: um ministro, um cavalo, um elefante, um navio e quatro soldados. Assim, existia um total de trinta e duas peças devidamente arranjadas sobre um tabuleiro quadrangular e formado por sessenta e quatro quadrados. Antes de cada lance dado no jogo, era preciso realizar um lançamento de dois dados. A partir da soma dos números, determinava-se a movimentação das peças do jogador em questão.

2º encontro (09/12/2021):

Nesta intervenção, em um primeiro momento, houve uma troca de ideias com objetivo de esclarecer algumas dúvidas do primeiro encontro em relação ao jogo de xadrez. Posteriormente, foram-lhes apresentados os conteúdos que seriam abordados nesse segundo encontro, em diálogo pedagógico com o que surgiu na primeira reunião, sendo eles: jogos relacionados às peças do xadrez e seus movimentos (xeque, xeque-mate, rei afogado, xadrez em grupo, xadrez humano e xadrez digital). Devido ao fato de os saberes serem pertencentes ao universo dos docentes, percebemos que eles se sentiram motivados a participarem do

encontro, demonstrando, inclusive, curiosidades sobre a ampliação desses saberes com os de ordem histórica, o que contribuiu para que estabelecêssemos conexões com os próximos encontros.

Segundo Aguiar (2012), o Rei é a peça mais importante do xadrez ocidental/colonialista, cuja captura é o principal objetivo do jogo. A Dama ou a Rainha é a segunda peça mais valiosa e possui o maior alcance de movimentação no jogo de xadrez, portanto perdê-la significa estar em grande desvantagem. Junto ao Rei, representam a realeza medieval os bispos, que dizem respeito ao antigo poder do clero, que, na época medieval, estava à frente das tomadas de decisões no reino. Os cavalos dizem respeito aos cavaleiros medievais, únicos soldados profissionais que prestavam um serviço a quem os pagasse. As torres são as fortalezas ou os castelos dos nobres, seu posicionamento se dá nas extremidades do tabuleiro pelo fato de, naquela época, todos os castelos possuírem torres em suas laterais. Os peões, por sua vez, representam soldados ou homens livres, que lutavam pelo bem de seu reino.

O processo de transformação do nome *Chaturanga* para o nome xadrez, por exemplo, foi abordado já nesse encontro. Foi discutido com os professores que essa troca se disseminou após o jogo ter sido apossado da cultura indiana, especialmente pelos europeus. Esse silenciamento da memória indiana, por mais que se tratasse de um jogo criado por uma realeza, representa a relação entre colonizador e colonizado, em que se substitui um enunciado por outro e/ou um poder por outro. O silêncio trabalha na delimitação de sentidos pelo mecanismo de apagamento. Diria Grigolletto (2003) que, ao dizer algo de “x”, outros sentidos se apagam, pois não se pode, ao mesmo tempo, dizer algo de “y”. Para a autora, ao narrarmos uma determinada história, especialmente a partir das vias de poderes, apagamos outros sentidos possíveis, indesejáveis. Esses sentidos do “outro”, ou seja, do colonizado, busca-se evitar. Por isso houve modificações das peças do jogo de xadrez para outro contexto, como é salientado por Sá e Rocha (1997). Essa versão sobre a origem do jogo tem sido utilizada predominantemente no universo enxadrístico, por vezes com destaques da apropriação do xadrez por países de outros continentes também.

Segundo Júnior e de Melo (2021), no século XI, o xadrez ficou conhecido em toda a Europa e foi nesse período em que sofreu mais uma modificação importante: dessa vez, o Ministro passou a ser amplamente conhecido como Rainha. Essa transformação de uma peça então masculina em uma peça feminina pode ser interpretada como um tipo de metáfora de uma sociedade dominada por um casal monárquico. Outra modificação problematizada com os

professores participantes do projeto foi aquela que se deu em relação aos Elefantes que se tornaram os Bispos. De acordo com Lauand (1988), tanto o Elefante quanto o Bispo personificam questões religiosas (o primeiro da Índia e o segundo do Ocidente Cristão). Os professores perceberam e destacaram que a história do xadrez foi sendo construída e adaptada dentro de um longo processo civilizacional e de esquecimento de uma determinada cultura, o que precisava ganhar destaque no processo pedagógico.

3º encontro (15/12/21):

Após retomarmos o que foi desenvolvido nos dois últimos encontros, os professores foram provocados a pensar possibilidades pedagógicas do jogo do xadrez como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar em uma ótica crítica. O professor-mediador apresentou aos participantes pontos marcantes a respeito da história e origem do jogo de xadrez, relatando fatos históricos ocorridos desde a sua chegada em território brasileiro, também via colonialismo, só que agora português. Na América Latina, esse processo de exploração e negação cultural colonialista se repetiu, de acordo com Quijano (2005), todavia, especialmente por meio do viés racial. Dando seguimento a esse raciocínio, Candau (1998) acrescenta que a constituição da história brasileira também está marcada pela negação do “outro”, o que teve como consequência a eliminação, física ou epistemológica, dos grupos subalternizados na relação com seus colonizadores.

A partir dessas lentes, destacamos que o jogo de xadrez foi inserido no contexto brasileiro pela influência cultural do seu país colonizador, Portugal, no século XIX, com Dom João VI. Segundo Sá (1993), no museu histórico nacional do Rio de Janeiro, existia, até o ano de 2018, um tabuleiro com peças em marfim que foi propriedade de Dom Pedro I, filho de Dom João VI, mas, com o incêndio que houve nesse mesmo ano, não se sabe se esse tabuleiro ainda existe. A representação das peças do jogo, bem como sua movimentação e o tabuleiro, continuou seguindo os pressupostos eurocêntricos e, mesmo com o passar do tempo, não houve nenhuma adaptação do jogo para o contexto brasileiro, relacionando as peças com a cultura local como forma de fortalecer as raízes culturais do país.

Foi salientado que atualmente vem crescendo no cenário educacional brasileiro um direcionamento dos olhares para a valorização dos saberes que foram subalternizados ao longo da história, inclusive na Educação Física. A perspectiva decolonial é um movimento que ganhou força a partir dos anos 2000 e que vem se desenvolvendo nos países sul-americanos desde então. Colaborando com a perspectiva decolonialista, faz-se necessário dizer que a

cultura pertence ao âmago das pessoas, ou seja, é criada e disseminada de variadas formas. Para Candau (2003), a cultura é um fenômeno plural que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar. Percebe-se, então, que a cultura não se caracteriza por um fenômeno estático, mas ativo. Dessa forma, todo o indivíduo possui cultura e cada um é criador e propagador dela.

4º encontro (16/12/21):

Neste encontro, a partir das problematizações estabelecidas e contrariando a perspectiva filosófica/conceitual/educacional branca para e sobre o jogo de xadrez, inserimos, a partir das contribuições dos professores da educação básica, elementos das culturas africanas, afro-brasileira e indígenas no jogo de xadrez, modificando os nomes das peças, bem como suas cores, com uma visão decolonialista e antirracista voltada para a valorização dos grupos e suas produções culturais que foram negligenciadas no decorrer da história brasileira. Segundo Neira (2019) e Neira e Nunes (2020), é de suma importância que as vozes das culturas que foram historicamente sufocadas ou silenciadas sejam amplificadas, o que significa contribuir com condições para que as diferentes heranças culturais sejam tratadas com um olhar de igualdade.

Além disso, novamente junto aos professores, projetamos a criação do jogo de xadrez antirracista e decolonialista, por meio da reconfiguração de suas peças e do próprio tabuleiro, e sugerimos, ainda, a elaboração de uma cartilha que viesse a contribuir para o desenvolvimento didático-pedagógico do produto educacional. Como encaminhamento, acordamos que essa proposta, quando pronta, seria levada à escola de um dos professores participantes no desenvolvimento profissional, com a presença dos demais professores, visando trabalhá-la com os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

De acordo com Silva, Mendes e Oliveira (2020), verificam-se poucas ações em políticas educacionais e de formação de professores para a implementação da cultura africana, afro-brasileira e indígena em Minas Gerais e no Brasil como um todo, apesar de a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trazer fortemente essa necessidade. Entre as justificativas apresentadas, está o desconhecimento da temática, tanto na universidade quanto na escola. Contraditoriamente, observamos que o perfil da esmagadora maioria dos docentes pertence à camada pobre da sociedade, especialmente negra (Oliveira, 2013). Um passo a ser dado para a construção de uma educação para as relações étnico-raciais diz respeito à desconstrução etnocêntrica e daltônica cultural que se desenvolveu no Ocidente.

O Brasil se constituiu a partir da presença de diversos grupos étnicos, inclusive indígenas, bem como com a vinda de negros africanos escravizados, trazidos pelos portugueses que aqui chegaram em 1500. Todos esses indivíduos, pertencentes a diversas culturas, com diversidades linguísticas, tecnológicas, filosóficas, religiosas e corporais, construíram uma realidade multicultural no nosso país. O problema que indagamos é que, historicamente, existem diversas tentativas de ocultar essa diversidade. Pensa-se o Brasil comumente a partir de uma cultura: a ocidental, branca e europeia (Silva; Mendes; Oliveira, 2020).

O JOGO DE XADREZ DECOLONIALISTA E ANTIRRACISTA

Como já também destacado na metodologia, organizamos, em diálogo com os professores da Educação Básica que participaram do desenvolvimento profissional, o “jogo de xadrez decolonialista e antirracista”, bem como a cartilha educacional que apresenta subsídios pedagógicos para ele. Propomos a mudança dos nomes das peças pretas por personagens e artefatos culturais importantes na história da cultura afro-brasileira; para as peças brancas, propomos a mudança de sua cor e de suas peças para personagens importantes da cultura indígena brasileira; utilizamos porcelana fria/*biscuit* para produzir uma amostra desse jogo, incentivando os estudantes e os professores das escolas públicas a fazerem os seus por meio de materiais disponíveis na própria escola, como cartolina, figuras impressas, cola e tesoura.

Em relação às peças pretas: o Rei passou a ser chamado de “Zumbi dos Palmares”, fazendo referência ao líder dos negros na luta contra a escravidão; a Rainha passou a ser chamada de “Dandara”, uma guerreira negra do período colonial que estava na linha de frente na luta contra a escravidão; os Bispos passaram a se chamar “Padre Vitor”, trazendo como referência religiosa o primeiro padre negro que saiu da condição de escravizado no Brasil; os Cavalos passaram a ser chamados de “Capoeira”, pelo fato desse ser a representação dos cavaleiros do reino e ser a única peça com a capacidade de pular outras peças, movimento que faz referência à dança/luta tradicional dos negros, em que eles realizavam saltos mortais e movimentos de luta que poderiam ser utilizados em combate; as Torres passaram a se chamar “Quilombo dos Palmares”, pois representam a fortaleza dos negros que lutavam contra a escravidão; os Peões adquiriram a denominação de “Exército dos Palmares”, referindo-se a todos os negros que se refugiavam no quilombo e, liderados por Zumbi, lutavam duramente pela conquista de sua liberdade.

Para as peças brancas, propomos a alteração também em sua cor, de modo que sugerimos o marrom. Seus nomes foram alterados da seguinte forma: o Rei passou a ser

chamado de “Cacique”, referindo-se aos respectivos líderes das aldeias brasileiras, considerando que existem mais de trezentas e cinco (305) aldeias indígenas e um nome específico não seria algo justo, no nosso entendimento; a Rainha (Dama) passou a ser chamada de “Índia”, referindo-se à força de todas as mulheres de uma aldeia indígena – importante destacar, nesse ponto, que, após ponderações da banca de defesa do mestrado que deu origem a este artigo, passamos a utilizar o nome de mulheres indígenas, sendo essa a maneira mais adequada aos mais de trezentos povos indígenas no Brasil (Bicalho; Maciel; Oliveira, 2022); os Bispos foram denominados de “Pajé”, pois ele é a maior referência religiosa das aldeias; os Cavalos passaram a ser chamados de “Canoa” (Piroga) pelo fato de representar o meio de transporte dos indígenas e porque, no jogo de xadrez, o Cavalo salta as peças, assim como a Piroga desliza sobre a água; as Torres passaram a se chamar “Oca”, referindo-se à moradia/fortaleza dos indígenas; os Peões passaram a ser chamados de “Curumins” ou “o futuro das aldeias”, devido a uma contribuição da banca de defesa – antes, havíamos dado o nome, equivocadamente, de “indiozinhos” e, no xadrez, o peão, no desenrolar do jogo, pode se transformar em outras peças importantes, assim como, no contexto cultural indígena, os curumins poderão se tornar caciques (homens e mulheres).

Imagem 1 - Representações dos Reis e Rainhas do xadrez decolonialista e antirracista



Fonte: Dos autores.

Imagem 2: Representações dos Bispos e dos Cavalos no xadrez decolonialista e antirracista



Fonte: Dos autores.

Imagem 3 - Representações das Torres e dos Peões no xadrez decolonialista e antirracista



Fonte: Dos autores.

AS INTERVENÇÕES COM ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O professor-mediador deu início à primeira aula com uma introdução a respeito do decolonialismo com os estudantes do 9º ano da rede municipal de Três Corações-MG. Para isso, adotou um linguajar próximo ao que percebia ser pertencente ao dos alunos, abordando o significado da palavra “decolonialismo”. Em seguida, abriu espaço para as falas dos alunos para que pudesse perceber qual a compreensão que eles tinham sobre esse assunto.

As falas dos estudantes sobre o decolonialismo caminharam no sentido de que essa palavra era nova para eles, mas que já tinham estudado sobre o processo da colonização e que entendiam que todos os países colonizados sofreram e ainda sofrem com a exploração e a opressão dos colonizadores. Um dos alunos fez uma observação interessante que contribuiu para fomentar o debate. Ele disse: “professor, sobre a colonização eu percebi que a maioria dos países colonizadores eram da Europa”. Então, o professor aproveitou a fala do aluno e argumentou sobre a disseminação do eurocentrismo no período da colonização, inclusive na Educação Física e em seus conteúdos, como o futebol, basquetebol, handebol, voleibol e até mesmo o xadrez.

Em segundo momento, o professor-mediador realizou uma fala introdutória a respeito do antirracismo, também abordando o significado da palavra e como se caracteriza esse movimento. Após esse momento, novamente os alunos fizeram falas, dizendo que ainda não tinham estudado sobre o antirracismo, mas que a palavra era mais familiar a eles do que a primeira apresentada. Em contrapartida, afirmaram saber o que é o racismo, complementando com afirmações como: “o racismo tem que acabar”, “racismo é errado”, “racismo é crime”, entre outras. Nesse momento, o professor-mediador fez uma ponderação para que os alunos compreendessem melhor o assunto: “o movimento antirracista parte do entendimento de que o

racismo existe e é estrutural em nossa sociedade, faz parte dela, então esse movimento busca estratégias e ações para combater esse processo, como essa que estamos desenvolvendo com as modificações no jogo de xadrez”.

Os estudantes demonstraram a compreensão de que o movimento antirracista vai além do movimento contra o racismo, pois, além de entender que o racismo não é certo, eles ponderaram a respeito do fato de que o antirracismo visa à luta para combater todo e qualquer racismo existente na sociedade. Ainda, eles foram provocados pelo professor-mediador a pensarem situações de racismo presentes na cultura corporal de movimento e como isso afeta a Educação Física. Foi unânime o entendimento dos jovens de que esse tema diz respeito à Educação Física e, portanto, deve estar presente na escola, especialmente no futebol, que, de acordo com eles, é o esporte que apresenta mais ações racistas.

Posteriormente, os estudantes tiveram a oportunidade de ser apresentados ao xadrez antirracista, com uma fala introdutória nossa, demonstrando as diferenças e aproximações entre essa proposta antirracista e decolonialista e a tradicional. Os alunos realizaram falas entusiasmadas e curiosas a respeito do jogo: “Quem teve essa ideia?; Que interessante!; Nunca vi esse jogo antes!; Quero jogar!”. Então foi o momento em que o professor-mediador explicou o porquê das escolhas das peças que faziam referência à cultura dos povos indígenas e as que faziam referência à cultura negra, relacionando a mudança da nomenclatura a toda luta antirracista e decolonialista. Ao final da discussão, os alunos tiveram a oportunidade de jogar com os colegas, sob a orientação dos professores ali presentes e da cartilha educacional, a partir de um tabuleiro construído com cartolina.

Imagem 4 - Professor-mediador explicando aos alunos sobre o jogo antirracista e decolonialista



Fonte: dos autores.

Imagem 5 - O jogo de xadrez decolonialista e antirracista em ação



Fonte: dos autores

No dia 18/04/2022, realizamos a segunda intervenção com os alunos do 9º ano, que também teve a duração de 100 minutos, o que é equivalente a duas aulas de Educação Física. O professor-mediador iniciou a prática deixando os alunos explorarem novamente o tabuleiro e as peças do jogo de xadrez antirracista e decolonialista com o objetivo de retomar o que foi problematizado no primeiro encontro e avançar no sentido de produção do jogo pelos estudantes. O professor-mediador pediu para que os estudantes se sentassem ao redor do tabuleiro e das peças desenvolvidas em *biscuit*. Em seguida, entregou folhas de cartolinas aos alunos e imagens impressas a partir da internet, bem como cola, tesoura, régua e canetinhas pretas. A orientação foi para que os alunos se dividissem em duplas e criassem tabuleiros e peças inspiradas nas que foram apresentadas em aula.

Imagem 6: Imagens impressas para que os estudantes pudessem criar seu próprio jogo antirracista e decolonialista



Fonte: Dos autores.

Diante da proposta apresentada aos alunos, eles se mostraram bem participativos e interessados na criação do jogo. Após a elaboração e vivências de suas próprias peças e tabuleiros, a fala de uma aluna merece destaque: “Professor, esse jogo é tão interessante que, se for permitido, eu posso utilizar o que criei na minha apresentação na feira de ciências da nossa escola este ano?”. Em seguida, outros alunos também realizaram falas nesse sentido. A partir desse relato, notamos que os estudantes compreenderam que a proposta que lhes foi apresentada não era simplesmente um jogo para a aula de Educação Física, mais sim um estudo que envolve e discute questões sociais pertinentes atualmente e que apresenta características científicas para a própria escola em si.

Conforme Maldonado, Farias e Filgueiras (2020), é preciso estimular, na organização das propostas curriculares, que os docentes de Educação Física analisem as desigualdades que perpassam as práticas corporais, com intencionalidade de buscar a justiça social. Promovam, por exemplo, uma educação antirracista, desenvolvendo temas nas aulas que envolvam a história e a cultura nas manifestações da cultura corporal, em uma ótica também curricular. Assim, cabe destacar que, a partir dessas intervenções, fomos convidados para participar de uma reunião com o secretário de educação da prefeitura municipal de Três Corações-MG, visando ao desenvolvimento de projetos que dizem respeito a reformulações curriculares, palestras e desenvolvimentos profissionais que envolvam os professores da rede, inclusive de maneira interdisciplinar. Pensando ainda na democratização desse debate, passamos também a fazer parte do projeto de esportes/jogos de um dos colégios particulares da cidade. Nesse projeto, a cada semana é trabalhado com os alunos participantes duas modalidades diferentes de esportes e/ou jogos. Ficamos responsáveis pelo xadrez antirracista e decolonialista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este artigo, adotamos o seguinte problema de pesquisa: como contribuir pedagogicamente para que o jogo de xadrez seja desenvolvido em uma ótica crítica, decolonialista e antirracista? Nessa esteira, apresentamos algumas iniciativas que dialogaram com ele ao longo do texto. Defendemos ao longo de todo artigo um entendimento de que o jogo de xadrez desenvolvido nas aulas de Educação Física escolar precisa ser problematizado em uma ótica crítica, a partir de abordagens que considerem o antirracismo e o decolonialismo, fortalecendo o esforço coletivo e formativo por justiça social.

Dentre as iniciativas apresentadas e problematizadas no artigo, podemos citar: a oferta de um desenvolvimento profissional com professores da Educação Básica dos anos finais do Ensino Fundamental, acompanhado de vídeos disponibilizados no *Youtube* para acessos posteriores; um produto educacional, desenvolvido a partir de problematizações decolonialistas e antirracistas, a partir do qual ressignificamos e produzimos um material didático-pedagógico denominado “xadrez antirracista e decolonialista”, por meio do jogo de xadrez, seu tabuleiro, suas peças e uma cartilha, visando sintetizar o que foi desenvolvido, bem como apresentar o xadrez antirracista e decolonialista, seus procedimentos de construção, execução e problematização; e intervenções, na perspectiva antirracista e decolonialista, com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental de um dos professores de Educação Básica que participou do desenvolvimento profissional de professores (9º ano).

A invisibilização do conhecimento e da história de países colonizados e de culturas subjugadas/periferizadas desvaloriza a riqueza cultural da humanidade, inclusive no que diz respeito à cultura corporal de movimento. Como percepções e autocríticas, em tom de considerações finais, percebemos contribuições no que diz respeito a uma percepção pedagógica mais culturalizada e crítica do xadrez, algo que a literatura demonstrou não ser muito explorado. Por outro lado, ao longo do desenvolvimento do produto educacional “xadrez antirracistas e decolonialista”, adotamos conceitos que não são adequados à cultura indígena, como apresentado ao longo do texto, o que foi revisto após o texto passar pela banca de defesa. De acordo com Sanches Neto e Venâncio (2020), o cuidado com a inclusão de todos demanda também um cuidado com as mais diversas expressões.

Notas:

¹ Especialmente após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996), que tornou obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira e a Resolução nº1 do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2004), que instituiu Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Há, ainda, as Leis 10639/2003 e 11.645/2008.

² Apesar de existirem outras histórias relacionadas a origem do xadrez, na Índia, já foram encontrados indícios arqueológicos que apontam o jogo *Chaturanga* como o seu verdadeiro ancestral, sendo essa história, portanto, a mais aceita pela literatura.

³ As naus designam navios. No nosso texto, fazemos referência àquelas utilizadas pelos Portugueses com finalidade, especialmente, de exploração comercial dos países por eles colonizados.

⁴ Pesquisamos artigos presentes na *Revista Movimento*, na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, na *Revista Motrivivência* e na *Revista Pensar a Prática*. Os dados referentes à pesquisa bibliográfica que deu embasamento para a proposta aqui não serão totalmente apresentados por entendermos que, caso feito, teríamos prejuízos no que diz respeito a apresentação dos dados centrais de nossa proposta no artigo, considerando especialmente a limitação de caracteres e páginas.

⁵ Por mais que esse primeiro momento pragmático da pesquisa não seja o alvo principal de nossas problematizações neste artigo, devido unicamente a uma questão normativa necessária na estrutura de textos científicos que limita seu número de páginas, entendemos que se faz importante que o leitor tome conhecimento dessa etapa. Todavia, não conseguiremos enfatizar as falas dos professores no tópico dedicado a ele.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Alessandra Aparecida Dias. Xadrez na escola: uma análise crítica através dos estudos culturais. **EFDeportes**, Revista Digital. año 17, nº 170. Buenos Aires, 2012.

BICALHO, Poliene Soares dos Santos; MACIEL, Roseli Martins Tristão; DA SILVA OLIVEIRA, Fernanda Alves. O Dia do Índio na escola não indígena-uma tradição que precisa ser (des) inventada: Do Decreto-Lei Nº 5.540/1943 à Lei 11.645/2008. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 16, n. 31, p. 102-128, 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Resolução do Conselho Nacional de Educação–Câmara Plena (CNE/CP) nº 01, de 17 de junho de 2004**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CARVALHO, Hebert. **Tabuleiro da vida: o xadrez na história**. Editora Senac São Paulo, 2019.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Colonialismo, território e territorialidade**. Paco Editorial, 2016.

DAOLIO, Jocimar (org.). **Educação Física escolar: olhares a partir da cultura**. Campinas-SP: Autores Associados, 2010.

DYSON, Michael Eric. Keyser Soze, Beyoncé, e o programa de Proteção a testemunhas. In: DIANGELO, Robin. **Não basta ser racista: sejamos antirracistas**. São Paulo: Faro Editorial, 2020.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O desafio da universidade. In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. (Org). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Autêntica, 2018.

GRIGOLETTO, Marisa. Silenciamento e memória: discurso e colonização britânica na Índia. **Organon**, v. 17, n. 35, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 2014.

JÚNIOR, Ismael Lemes Vieira; DE MELO, José Carlos. **Utilizando as tecnologias na educação: possibilidades e necessidades nos dias atuais**. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 4, p. 34301-34313, 2021.

LAUAND, Luiz Jean. **O xadrez na Idade Média**. São Paulo: USP, 1988.

MALDONO, Daniel Teixeira; FARIA, Uirá de Siqueira; FILGUEIRAS, Isabel Porto. Jogos dos povos indígenas do Paraguai: elementos para repensar a Educação Física escolar na América Latina. In: Filgueiras, Isabel Porto; Maldonado, Daniel Teixeira (org.). **Currículo e prática pedagógica na Educação Física escolar na América Latina**. Curitiba: CRV. 2020, p. 111-122.

MENDES, Diego de Sousa. **Luz, câmera e pesquisa-ação: a inserção da mídia-educação na formação contínua de professores de Educação Física**. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis, 2008.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2ª Edição. Jundiá: Paco Editorial, 2019.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. As dimensões política, epistemológica e pedagógica do currículo cultural da Educação Física. In: BOSSLE, Fabiano; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa. **Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE; 5**. Natal, RN : EDUFRRN, 2020, p. 25-44.

OLIVEIRA, Julvan Moreira. Formação de professores para a diversidade étnico-racial. Olhares: **Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, v. 3, n. 1, p. 07-31, 2015.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. **Formação de Professores para a Diversidade Étnico-racial: estudo documental nos cursos de licenciaturas das universidades públicas no estado de Minas Gerais**. 2013. Projeto de Pesquisa aprovado no IV Programa de Apoio à Instalação de Doutores 2013-2014. Juiz de Fora: Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade de Juiz de Fora, 2013.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SÁ, Antônio Villar Marques de; ROCHA, Rodrigues Rocha. **Iniciação ao xadrez escolar**. 2 ed. Goiânia: Potência, p.67.1997.

SÁ, Antônio Villar Marques de. **Xadrez**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1993.

SANCHES NETO, Luiz; VENÂNCIO, Luciana. A luta por visibilidade dos afro-latinos como desafio curricular à Educação Física antirracista. In: Filgueiras, Isabel Porto; Maldonado, Daniel Teixeira (org.). **Currículo e prática pedagógica na Educação Física escolar na América Latina**. Curitiba: CRV. 2020, p. 29-41.

SILVA, José Artur do Nascimento; MENDES, Tarcísio Moreira; OLIVEIRA, Julvan Moreira de. De África, Nzinga; da Diáspora, Dandara: Cosmopercepção Descolonizando o corpo negro. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 33, p. 402-430, 2020.

TAHAN, Malba. **O homem que calculava**. 67. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VIEIRA, Sonia. **Como Elaborar Questionários**. Editora Atlas, 2009.

WALSH, Catherine; FERNANDES DE OLIVEIRA, Luiz; MARIA CANDAU, Vera. Colonialidade e Pedagogia Decolonial: Para Pensar uma Educação Outra. **Education Policy Analysis Archives**, v. 26, 2018.